

O caminho para a morte: deportação dos judeus de Berlim para o gueto de Litzmannstadt (1941)

The Road to Death: deportations of the Jews from Berlin to the Litzmannstadt Ghetto (1941)

THAILY VIVIANE ANDRÉ

Graduada em Geografia pela Universidade de Santo Amaro (2007) e em História pela Universidade de São Paulo (2015).

Mestranda em Estudos Judaicos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Universidade de São Paulo.

RESUMO Berlim era a capital do Terceiro *Reich* (1933-1945) e possuía a maior e mais vibrante comunidade judaica do país. Dos cento e sessenta mil judeus que ali residiam quando Hitler se tornou chanceler, apenas metade vivia na capital no início da guerra, em 1939. Em outubro de 1941, ocorreu a primeira deportação de Berlim. O destino era o gueto de Litzmannstadt, como foi renomeada pelos nazistas a cidade de Łódź na Polônia. O presente artigo visa a refletir sobre os problemas dessa primeira deportação dos judeus berlinenses e apresenta o destino desses judeus após a chegada ao gueto.

PALAVRAS-CHAVE Holocausto; Berlim; deportações; gueto de Litzmannstadt.

ABSTRACT Berlin was the capital of the Third *Reich* (1933-1945) and had the biggest and more vibrant Jewish community of the country. Of the one hundred and sixty thousand Jews who lived there when Hitler became Chancellor in 1933, only half lived in the capital at the beginning of the war, in 1939. In October 1941, the first deportation from Berlin occurred. The destiny was the ghetto of Litzmannstadt, how was renamed by the Nazis the city of Łódź in Poland. The present article aims to reflect on the problems of this first deportation of the Berliner Jews and presents the destiny of these Jews after the arrival in the ghetto.

KEYWORDS Holocaust; Berlin; deportations; Litzmannstadt ghetto.

Introdução

MUITO JÁ FOI DITO SOBRE OS ANOS DO NAZISMO E O HOLOCAUSTO. A MAIORIA DOS estudos é focada sobre Auschwitz, o levante do gueto de Varsóvia e o extermínio em massa realizado pelos *Einsatzgruppen* (grupos de extermínio nazistas). Não obstante, parece que não há o mesmo conhecimento sobre outras facetas do Holocausto. Sabemos muito sobre os judeus na Alemanha nos anos pré-guerra, entre 1933 e 1939, em particular sobre as discriminações das quais foram vítimas, sancionadas por uma série de leis promulgadas por Hitler. Não obstante, uma vez que a guerra tem início em 1939, nossa atenção se dirige para a Polônia, cenário da maioria das mortes de judeus, por ser uma área com uma grande proporção de judeus em relação ao resto da população e, portanto, escolhida como ideal para a instalação de campos e guetos, tendo sediado a maioria deles. Apesar da importância da Polônia, não podemos esquecer o destino dos judeus alemães após o início da guerra.

Neste trabalho, vamos focalizar os judeus de Berlim, cidade que não apenas era capital da Alemanha e, portanto, o lugar de onde Hitler e outros líderes nazistas davam ordens para a “Solução Final da Questão Judaica”, mas, igualmente, a cidade com a maior comunidade judaica na Alemanha. Desde 1933, leis discriminatórias e ações afetaram essa grande e aculturada comunidade. Apesar de que estas leis e ações tenham sido responsáveis pela emigração de metade da comunidade, em 1941 ainda

havia quase oitenta mil judeus vivendo em Berlim, bem no “olho da tormenta”.

Como a solução para o desejo de ter um *Reich Judenrein* (livre de judeus) deixou de ser a emigração para se transformar em extermínio, também seria transformada a vida dos judeus berlinenses, até então mais “preservados” das atrocidades que já estavam sendo praticadas no Leste em 1941. Em outubro de 1941, os primeiros judeus de Berlim foram transportados para o “Leste”, do qual eles tanto já haviam ouvido falar, mas não sabiam o que representava.

Esse “Leste”, pelo menos para os quase quatro mil judeus berlinenses para lá deportados, seria o gueto de Litzmannstadt, pobre, lotado, infestado de doenças e reinado não apenas pelo “rei” Rumkowski (o *Judenälteste*, maior autoridade judaica do gueto), mas também reinado pela fome. Ali, os civilizados e cultos judeus alemães iriam encontrar não somente o estranho e desprezado *Ostjude*, o judeu oriental, como iriam também encontrar o seu maior inimigo: a morte.

A deportação de 1941 ficou conhecida como “deportação de outubro”. Foi o começo do fim para a histórica e até então sólida comunidade judaica de Berlim. A partir de então, os judeus foram deportados cada vez mais para o extremo Leste, seja para guetos ou campos. Poucos dentre eles sobreviveram em Berlim ou conseguiram retornar ali vindos de guetos e campos. Esses poucos serviram como um testemunho vivo de uma comunidade judaica berlinense que, uma vez, havia sido rica e vibrante.

Judeus em Berlim sob domínio nazista

Quando Hitler se tornou Chanceler da Alemanha, em janeiro de 1933, mais de cento e sessenta mil judeus chamavam Berlim de seu lar. (LOO-

SE, 2009, p. 20) A capital era a cidade com a maior comunidade judaica no país, com mais de trinta por cento dos quase meio milhão de cidadãos judeus. Essa comunidade representava menos de um por cento da população alemã, estimados 67 milhões de almas.

Em 1933, os judeus são de fato alemães, cidadãos com direitos iguais, após uma longa batalha por emancipação, e, durante a República de Weimar (1918-1933), eles até ocupavam cargos no governo. Paradoxalmente, essa emancipação e suas oportunidades trouxeram não apenas liberdade e direitos aos judeus, como também mais preconceito, um problema antigo na Alemanha e na Europa em geral, aumentando o antissemitismo já existente.

Não podemos compreender a ascensão de Hitler e do NSDAP – o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, partido antissemita que teve sucesso em eleições anteriores na década de 1930 devido à sua promessa de uma “novamente grande Alemanha” e de se livrar daqueles que seriam responsáveis por seu fracasso, os judeus – sem dois elementos: a crise econômica e o antissemitismo pré-existente. Essas duas condições, sabiamente exploradas por Hitler e os nazistas, se tornaram entrelaçadas quando os judeus foram julgados responsáveis pelo fracasso econômico da República de Weimar, pela derrota na guerra e pelo odiado Tratado de Versalhes. Portanto, se a Alemanha quisesse se tornar um *Reich* poderoso, um país rico com suficiente *Lebensraum* dentro e fora da Europa, eles tinham que eliminar o foco da “doença nacional”: os judeus.

Esse antissemitismo, que já havia aumentado durante os anos da República de Weimar, agora, com os discursos de Hitler, foi transformado em um “novo antissemitismo”. Desse modo, quando

Hitler alcançou o poder, esse antissemitismo era não somente um preconceito social nem tampouco um mero antissemitismo religioso como o da Idade Média, mas fora elevado a uma política de estado. Por exemplo, em primeiro de abril, apenas dois meses após Hitler ser nomeado Primeiro-Ministro, o partido decidiu fazer um dia de boicote de lojas judaicas, fenômeno que revela a legitimação da exclusão dos judeus da economia do país, uma amostra do que ainda estava por vir.

Leis reforçavam ações antissemitas, e a primeira apareceu apenas uma semana após esse incidente: a Lei de Restauração do Serviço Civil, publicada em sete de abril, que excluía judeus de cargos públicos e de profissões como médicos, advogados e professores. No mesmo mês, em vinte e cinco de abril, uma nova lei discriminatória se tornou pública: a Lei contra a Superlotação de Escolas e Universidades, que limitou o número de estudantes judeus nessas facilidades.

Todavia, as leis discriminatórias não eram o único problema. Paralelamente, e aumentando com a política de estado, as ações antissemitas eram mais chocantes. Chocantes porque mostravam aos judeus que esse antissemitismo renovado era de algum modo diferente daquele com o qual estavam familiarizados, por mostrar um nível de ódio e violência inéditos, mesmo para aqueles que haviam passado por *pogroms* (eventos que, na realidade, não eram tão comuns na Alemanha quanto o eram no Leste europeu).

Contudo, a maioria dos judeus não conseguiu perceber a diferença entre essas ações e o antigo e já conhecido antissemitismo. Poucos perceberam o perigo e decidiram emigrar assim que ouviram os primeiros discursos de Hitler. Em 1933, treze mil judeus deixaram Berlim (LOOSE, 2009, p. 21). Este número aumentou até 1939, quando a guerra começou. Naquele ponto, oitenta mil dos cento e

sessenta mil judeus de Berlim haviam emigrado. O restante talvez esperasse que, eventualmente, Hitler e o NSDAP deixariam o poder, e tudo voltaria à normalidade. Entretanto, para os judeus de Berlim, isso nunca aconteceu.

De fato, após esses primeiros acontecimentos e leis de 1933, parecia que os judeus que acreditaram que essa “fase de terror” era apenas um fenômeno passageiro tinham razão. Entre meados de 1933 e meados de 1935, parecia que os judeus não seriam mais incomodados e que o pior já havia passado. Inclusive, muitos que imigraram em 1933 acabaram retornando à Alemanha. Contudo, essa calma logo iria terminar.

Isso aconteceu em quinze de setembro de 1935, quando o *Reichstag* aprovou as Leis de Nuremberg, que afetaram os judeus diretamente: a Lei de Cidadania do *Reich* e a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã. Os judeus foram categorizados em um critério racial ao invés de religioso, excluídos do *Volk* alemão e, por consequência, não mais considerados cidadãos. Tais leis serviram como base legal para a perseguição aos judeus, agora vistos como os “outros”, inferiores aos cidadãos considerados alemães.

As Leis de Nuremberg e o que elas representaram foram, de fato, um divisor de águas. Simultaneamente, elas trouxeram um problema ainda maior, não somente para os judeus, mas também para os nazistas, que era a questão: quem é judeu? Como podemos ver nas Leis de Nuremberg, dar a resposta a essa pergunta não era uma tarefa fácil. Considerando, como já mencionado acima, que ser judeu era uma questão de raça e não de religião, um judeu, para os nazistas, era uma pessoa que tinha três ou quatro avós judeus, quer professasse ou não o judaísmo.

Não obstante, esses não eram os únicos judeus. Esses eram os judeus propriamente ditos, mas havia

ainda aqueles que tinham apenas um ou dois avós judeus. Essas pessoas tinham igualmente “sangue alemão”, então não podiam ser consideradas apenas como inferiores. Mas tinham também o “sangue contaminado”, o sangue judeu, e, dessa forma, não podiam ser consideradas alemãs como os outros “arianos”. Portanto, uma categoria especial foi criada para abarcar essas pessoas: *Mischlinge* (os “mestiços”), não totalmente alemães, nem totalmente judeus.

Essa categorização de quem é judeu não era apenas um problema para os nazistas, mas para os próprios judeus. Uma das razões pelas quais isso se tornou um problema é que as Leis de Nuremberg subitamente categorizaram como judeus muitas pessoas que não se viam como judias. Seja porque já haviam se convertido ao cristianismo ou porque eram judeus seculares, sem uma identificação significativa com o judaísmo, já que seus pais ou avós haviam se assimilado algumas décadas antes. Mesmo assim, de um dia para o outro, essas pessoas foram categorizadas como judias e começaram a se fazer as mesmas perguntas feitas pelos nazistas, ou seja, quem é judeu, e o que significa ser judeu. Logo iriam descobrir talvez não a essência de ser judeu, mas o que essa categoria representava na Alemanha nazista. E representava ser considerado estrangeiro, diferente, uma peste que deveria ser removida pelo bem do *Volksgemeinschaft* (expressão alemã que não tem correspondência exata no português, mas cuja tradução seria “comunidade do povo”).

O ano de 1938, começando com o *Anschluss* (anexação) da Áustria em março, que trouxe mais duzentos mil judeus ao *Reich*, provou ser um ano muito ruim para os judeus na Alemanha. Com o aumento no número de judeus na nova Alemanha, Hitler e os líderes nazistas tinham mais razões para se preocupar com a “Questão Judaica” e responderam a ela com ainda mais leis e ações.

Mas o pior ainda estava por vir, com o maior *pogrom* ocorrido na Alemanha, ironicamente chamado de *Kristallnacht*, ou Noite dos Cristais. Esse nome, na verdade, se referia aos cristais quebrados nas janelas das sinagogas incendiadas, que iluminaram a noite em toda a Alemanha. Esse *pogrom*, que aconteceu na noite de nove para dez de novembro, matou dezenas de judeus em Berlim, sendo que doze mil berlinenses foram presos apenas no campo de concentração de Oranienburg-Sachsenhausen (LOOSE, 2009, p. 25), nas cercanias de Berlim, e um dos primeiros campos a serem construídos, juntamente com Dachau e Buchenwald.

Após a *Kristallnacht*, continuando a sequência de leis e ações feitas separadamente, mas que se complementavam para expulsar os judeus da Alemanha, outra lei foi promulgada em doze de novembro: o decreto referente à Exclusão dos Judeus da Vida Econômica Alemã. Isso significava que os judeus não poderiam mais ter comércio nem vender seus produtos.

Nesse momento, talvez ainda não pensando no extermínio dos judeus, os nazistas queriam que a Alemanha se tornasse *Judenrein*, ou seja, uma nação livre de judeus. Tal propósito poderia ser atingido através da emigração, e essas leis e *pogroms* tinham em comum o objetivo de tornar a vida dos judeus na Alemanha intolerável, a fim de que eles deixassem o país. Infelizmente para os judeus, essa estratégia não atingiu o seu objetivo, já que a maioria dos judeus permaneceu na Alemanha.

Cada vez mais se tornava difícil emigrar, por uma série de fatores. Um dos exemplos é a instituição de cotas de imigração, uma escolha política que se tornou muito clara na Conferência de Evian, ocorrida em julho de 1938 e na qual compareceram representantes de muitos países. Essa conferência deveria supostamente resolver o problema dos refugiados na Europa; todavia, acabou se tornando

um grande fracasso, porque a maioria dos países participantes não queria receber refugiados judeus. Outro fator agravante foi o início da guerra em primeiro de setembro de 1939, que tornou mais difícil arranjar barcos, além de entrar e sair de países envolvidos na guerra.

Por essas razões, e por muitas outras de cunho psicológico e emocional – como não deixar o seu Heimat,¹ não deixar os entes queridos para trás e o medo de não se adaptar em um país diferente – a maioria dos judeus permaneceu na Alemanha e esperou para ver o que aconteceria. Para o seu infortúnio, a situação se agravou.

No verão de 1941, Hitler ordenou a invasão de seu aliado e, ao mesmo tempo, antigo alvo, a União Soviética. Apesar do que já estava acontecendo, como as ações e leis antisemitas, as restrições econômicas e o estabelecimento de guetos no Leste, uma nova era de violência estava começando, que acabou sendo um momento decisivo para a “Questão Judaica”. A resposta a essa questão agora era mais radical: não apenas se livrar dos judeus através da emigração, não somente concentrá-los em campos ou guetos, longe da sociedade; a nova resposta era genocídio. Extermínio total. Uma aniquilação completa dos judeus.

Tais operações de extermínio ocorreram por diferentes métodos, sendo um deles as mortes em massa pelos *Einsatzgruppen*, as unidades móveis de extermínio formadas por membros da SS e da polícia alemã no Leste, que assassinavam milhares de judeus diariamente em massacres de larga escala. O extermínio foi praticado posteriormente em vans a gás como em Chełmno, estabelecido em dezembro de 1941 (GUTMAN *apud* TRUNK, 2008, p. xlviii) como um dos primeiros campos de extermínio. Essas vans serviram como protótipo para o desenvolvimento de câmaras a gás em campos de extermínio como Treblinka e Auschwitz.

Essas práticas, seja a do extermínio pelos *Einsatzgruppen* ou com uso do gás, começaram em 1941, o mesmo ano em que os judeus no *Altreich*, ou seja, na Alemanha, foram afetados por outra lei discriminatória. Em primeiro de setembro de 1941, numa ordem emitida por Reinhard Heydrich, os judeus foram obrigados a usar a Estrela de Davi amarela nas roupas. Tal ordem ajudou na segregação dos judeus e na ulterior segregação da sociedade ariana. E igualmente contribuiu para a próxima etapa, as deportações.

O plano teve início no mesmo mês de setembro, quando Hitler ordenou a deportação dos judeus do Reich. As deportações começaram em quinze de outubro de 1941 e continuaram até três de novembro. Enquanto isso, Himmler ordenou a proibição de emigrações do Reich, o que se tornou lei em 23 de outubro, assinada por Heinrich Müller, chefe da Gestapo. Alvo de apreensão e deportação e sem poderem mais deixar a Alemanha, os judeus de Berlim não tinham outra escolha senão esperar a sua vez.

Alguns acharam uma escapatória na *Freitod*, ou suicídio. Muitos judeus não queriam esperar que os nazistas os pegassem, prefeririam escolher quando e como eles iriam morrer. Dos quase dois mil judeus que tiraram suas vidas e foram enterrados no cemitério judaico de Weissensee em Berlim, duzentos e cinquenta e quatro cometeram suicídio no outono de 1941 e oitocentos e onze ao longo de 1942. Um total de sete mil judeus berlinsenses decidiu tirar suas vidas durante o regime nazista (MEYER; SIMON, 2000, p. 171).

O gueto de Litzmannstadt: visão geral

Łódź era uma cidade industrial e a segunda mais povoada da Polônia, com seiscentos e setenta e dois mil habitantes,² apenas atrás da capital Varsóvia.

Ela também tinha a segunda maior comunidade judaica do país, também atrás de Varsóvia, com mais de duzentos e trinta e três mil judeus (LOOSE, 2009, p. 26), o que representava um terço da população. Essas duas cidades não tinham apenas os grandes números populacionais em comum, eram também próximas geograficamente e em breve teriam os dois maiores guetos da Polônia ocupada pelos nazistas.

Quando a Polônia foi invadida pela Wehrmacht em primeiro de setembro de 1939, um pacto secreto já existia para dividir o país entre a Alemanha e a União Soviética: o Pacto Molotov-Ribbentrop. O pacto determinava que cada país tomaria metade da Polônia. Contudo, os nazistas não queriam anexar toda a parte que lhes cabia do território, apenas a área que havia pertencido à Prússia e aquelas áreas onde viviam muitos alemães ou alemães étnicos, que eram os poloneses com origem alemã. O resto do território, chamado de Governo Geral, foi apenas controlado.

Łódź, com seus sessenta e sete mil habitantes de origem alemã, era atraente aos nazistas, os quais entraram na cidade em oito de setembro de 1939, apenas uma semana após o início da guerra. A cidade tinha potencial, por ser uma cidade industrial com uma infraestrutura sólida e por ter cidadãos “arianos”. Nesse momento, as duas cidades próximas de Varsóvia e Łódź se tornaram mais distantes, quando a primeira ficou dentro dos limites do Governo Geral e a segunda dentro de Warthegau, a parte incorporada pelo Reich.

Sendo parte do Reich, Łódź teria que se elevar à categoria de cidade “digna” do Reich. Um dos primeiros passos para a “arianização” da cidade era mudar o seu nome polonês para um nome alemão, o que aconteceu em onze de abril de 1940, quando foi chamada de Litzmannstadt, em homenagem a um oficial alemão, de nome Karl Litz-

mann, que lutou na região durante a Primeira Guerra Mundial. Não obstante, a mudança de nome era uma pequena parte do processo de “arianização”, que incluía a renovação do centro da cidade e a mudança dos nomes das ruas. Por exemplo, Ulica Piotrkowska, a avenida principal da cidade, cheia de lojas e prédios chiques, foi renomeada de Adolf Hitler Straße.

Ainda assim, uma cidade não podia ser “ariana” com uma população judaica tão grande. Planos para o estabelecimento de um gueto surgiram assim que a cidade foi ocupada pelas tropas alemãs. O gueto foi sempre visto como uma medida temporária, apenas um modo de concentrar os judeus em um lugar para então deportá-los para o Leste. O plano começou a ser delineado em dezembro de 1939, e, em fevereiro de 1940, os detalhes foram finalizados e a preparação começou.

É certo que o gueto era um passo mais radical em uma série de medidas discriminatórias contra os judeus poloneses. Ordens como a obrigação de usar a Estrela de Davi nas roupas, a proibição de andar na Adolf Hitler Straße e de usar o transporte público, além de muitas outras restrições também enfrentadas pelos judeus alemães foram impostas aos judeus em Łódź. Não obstante, em Łódź tais medidas não foram separadas por um espaço de anos como no caso alemão, mas por meses ou mesmo dias. Foi um processo discriminatório muito mais rápido e radical do que na Alemanha.

O lugar escolhido para sediar o gueto era Bałuty, uma área pobre ao norte do centro da cidade, onde muitos judeus e trabalhadores viviam. Era uma área com problemas estruturais, sendo que a maioria dos seus prédios não contava com água corrente, aquecimento ou sistema de esgoto. Apesar de ser a área com a maior concentração de judeus na cidade, nem todos os seus habitantes eram judeus. Havia um grande número de judeus vivendo fora

de Bałuty, inclusive judeus ricos que viviam na Ulica Piotrkowska. Tal fato tornou necessário um difícil processo de mudança, que envolveu milhares de judeus e poloneses.

O maior problema era que o gueto tinha uma pequena área, e o número de apartamentos não era suficiente para acomodar todos os seus novos habitantes. A maioria dos judeus recém-chegados a Bałuty não encontrou apartamentos disponíveis e teve que se acomodar em um quarto alugado, e muitas vezes tinha que dividir tal quarto com outras famílias. A área do gueto era de apenas 4,13 km², reduzida para 3,82 km² em maio de 1941. O gueto tinha dois mil trezentos e dois apartamentos, com vinte e oito mil e quatrocentos quartos. Em 1942, após o gueto receber quase vinte mil judeus da Áustria, do Protetorado, Luxemburgo e Alemanha, além de cinco mil ciganos e mais de quinze mil judeus de guetos menores de outras cidades polonesas, cada quilômetro quadrado tinha quarenta e duas mil quinhentas e oitenta e sete pessoas, sendo sete pessoas por cada quarto (BARANOWSKI, 2009, p. 36, 38).

Quando o gueto foi fechado, em abril de 1940, tinha uma população de cento e sessenta mil trezentos e vinte judeus (BARANOWSKI, 2009, p. 38). Logo se tornou um gueto de trabalho, parcialmente porque já contava com a infraestrutura para tal, e também porque foi a “solução” encontrada pelo *Judenälteste* Rumkowski para salvar o gueto e seus judeus, tornando-os úteis aos alemães. Em agosto de 1942, havia mais de cem fábricas no gueto,³ que produziam vários itens, especialmente para o esforço de guerra alemã, como uniformes e botas da Wehrmacht, mas também roupas e utensílios para a população alemã.

As condições de vida no gueto eram desumanas. Doenças se espalhavam rapidamente, a comida era escassa, sendo a refeição principal uma sopa

rala, como aquelas dos campos de concentração, e as condições de trabalho eram árduas e de longas horas. Essas condições foram responsáveis por muitas mortes, que aumentavam imensamente no inverno. Durante a existência do gueto, vinte e quatro por cento de sua população, o que representava mais de quarenta e três mil pessoas, morreu devido à fome e às doenças (BARANOWSKI, 2009, p. 40).

Por mais difícil que fosse o trabalho, este representava a única chance de sobrevivência, como costumava enfatizar na maioria dos seus discursos o *Judenälteste* Rumkowski, o rei dos judeus do gueto de Litzmannstadt, como gostava de ser visto e chamado. De fato, as primeiras deportações do gueto para campos de extermínio como Chelmno consistiam de pessoas que não podiam trabalhar, como os doentes, os idosos e as crianças. Aqueles que podiam trabalhar buscavam com energia uma posição que os permitisse receber uma porção extra de sopa e cupons de ração para complementar a alimentação.

As primeiras deportações do gueto começaram cedo, em dezesseis de janeiro de 1942, apenas dois meses depois da chegada dos judeus ocidentais. O gueto estava lotado, e essas deportações eram uma solução para se livrar dos judeus “inúteis” como os idosos e aqueles incapazes de trabalhar. Entre dezesseis de janeiro e doze de setembro de 1942, mais de setenta e dois mil setecentos e quarenta e cinco judeus foram transportados para Chelmno e, conseqüentemente, para a morte, incluindo dez mil quatrocentos e noventa e três dos judeus ocidentais que haviam chegado dois meses antes (BARANOWSKI, 2009, p. 43).

As deportações de outubro: de Berlim para Litzmannstadt

As deportações para o gueto de Litzmannstadt vindas do *Reich* alemão – que incluía não apenas a

Alemanha, mas também a Áustria, o Protetorado da Boêmia e da Morávia e Luxemburgo – começaram em quinze de outubro de 1941 e duraram até novembro de 1941. Essas deportações foram consideradas extremamente importantes para a elite nazista e foram objeto de discussão entre Hitler e Goebbels, como este registrou em seu diário em vinte e quatro de setembro de 1941, afirmando que Hitler também compartilhava da sua opinião:

(...) que os judeus devem ser retirados de toda Alemanha. As primeiras cidades que devem ser libertas de judeus são Berlim, Viena e Praga. Berlim vem em primeiro na fila, e eu tenho esperança que nesse ano ainda conseguiremos deportar uma parte substancial dos judeus de Berlim para o Leste. (GOEBBEL'S DIARY, September 24, 1941 *apud* LOOSE, 2009, p. 31)⁴

Goebbels e Hitler decidiram livrar Berlim dos seus judeus, mas foram Himmler e Heydrich que fizeram planos concretos para tal ação. Em setembro de 1941, eles decidiram enviar os sessenta mil judeus do *Altreich* para o já lotado gueto de Litzmannstadt. Os chefes do gueto, como Friedrich Uebelhoer, o chefe do distrito de Łódź em Warthegau, e Werner Ventski, prefeito de Łódź, reclamaram para as autoridades. Por conseguinte, Arthur Greiser, o *Gauleiter* de Warthegau, conversou com Himmler e convenceu-o a diminuir esse número para vinte mil judeus e cinco mil ciganos.

Nesse momento, a população do gueto havia diminuído dos iniciais cento e sessenta mil (em maio de 1940) para cento e quarenta e três mil (em primeiro de outubro de 1941), devido à alta taxa de mortalidade (KLEIN, 2009, p. 422). Com a chegada de quase vinte mil judeus ocidentais, cinco mil ciganos e alguns milhares que foram deportados de guetos menores na região de Warthegau, o gueto

atingiria mais do que a sua capacidade, quase duzentos mil habitantes, sem mencionar que a área do gueto havia sido reduzida de 4,13 km² para 3,82 km².

Alguém poderia perguntar por que os judeus de Berlim foram mandados ao gueto de Łódź, já tão superlotado. Parece que Himmler não acreditou que o gueto estivesse tão lotado, já que ele havia visitado o gueto alguns meses antes das deportações, em 6 de junho de 1941. Essa opinião foi confirmada em uma carta que Himmler endereçou a Greiser em 18 de setembro de 1941, na qual escreveu que o gueto conseguiria comportar mais sessenta mil judeus.⁵ Greiser não concordou, preocupado com a ruptura do “equilíbrio” do gueto e a pressão que esse aumento populacional traria para as finanças e para o suprimento de comida. Ademais, ele tinha planos de reduzir o número de judeus, e não de receber ainda mais judeus. Greiser acabou por vencer essa batalha, e o número de judeus deportados para o gueto foi reduzido.

Não obstante, os líderes nazistas precisavam da ajuda das autoridades judaicas, que foram obrigadas a cooperar, por exemplo, fornecendo lista de nomes dos membros da comunidade. A comunidade judaica de Berlim recebeu as notícias da deportação de alguns de seus membros logo em primeiro de outubro de 1941 (LÖW, 2006, p. 227). Eles foram informados de que os deportados poderiam levar consigo uma bagagem de até cinquenta quilos, contendo lençóis, ferramentas, roupas, alguma comida e cem Reichsmark, os quais eram obrigados a trocar por *Rumkis*, a moeda corrente do gueto, cujo nome era uma abreviatura do sobrenome do *Jüdenalteste* Rumkowski.

Um total de dezenove mil, novecentos e cinquenta e três judeus chegaram em vinte transportes: cinco de Viena, cinco de Praga, quatro de Berlim, dois de Köln, um de Luxemburgo, um de Frankfurt am Main, um de Hamburgo e um de Düsseldorf.

Desse total, oito mil, duzentos e sessenta e dois eram homens e onze mil seiscientos e noventa eram mulheres, sendo que a maioria, dez mil seiscientos e sessenta e um, tinham mais de cinquenta anos (HORWITZ, 2008, p. 134). Gottwald e Schulle (2005, pp. 64-65) fornecem outro número, baseados num relatório do *Schutzpolizei-Hauptmanns Künzel*, datado de 13 de novembro de 1941, que registrou que, entre 16 de outubro e 4 de novembro, chegaram dezenove mil oitocentos e vinte e sete judeus do *Altreich* no gueto, a maioria homens e mulheres idosos.

Gottwald e Schulle (2005, p. 64) afirmam ainda que o lugar escolhido pela Gestapo para servir como a Central para a Emigração Judaica (*Zentralstelle für the Jüdische Auswanderung*) foi a Sinagoga na Levetzowstrasse, em Berlim-Tiergarten. Dali a maioria dos judeus era forçada a caminhar até a estação Berlim-Grunewald – que ainda existe hoje, parte da linha 7 do S-bahn –, uma distância de aproximadamente 4,5 quilômetros. Poucos dentre eles eram levados até a estação em caminhões, especialmente os fracos e as crianças. Seu destino era o gueto de Litzmannstadt, a aproximadamente 512 quilômetros de distância.

Da estação Grunewald, quatro trens saíram – três em outubro e um em novembro. Todos eles carregavam por volta de mil judeus da aculturada e moderna cidade de Berlim para um gueto pobre e lotado, a essa altura já operando na sua capacidade máxima. Mais de quatro mil berlinenses encontraram o seu destino no gueto, morrendo de fome e doenças, ou passando por ele em seu caminho para Chelmno e Auschwitz.

Existem diferenças no número de cada um dos transportes de Berlim e também nas datas de saída. Logicamente, se o número de cada um dos transportes é diferente, também o é a soma dos judeus berlinenses que chegaram ao gueto de Litzmannstadt. Isso apenas mostra a dificuldade em

pesquisar esse tema, com as limitações na documentação disponível. Além da documentação escassa, outro fenômeno importante repercutiu nesta divergência de números, o que nem sempre foi tratado por estudiosos que pesquisaram as deportações.

Ingo Loose (2009, p. 51) explica tais diferenças nos números devido ao problema dos casamentos mistos, nos quais o cônjuge ia também para o gueto, apesar de, em muitos casos, não ser contado. O autor também argumenta que, em muitas ocasiões, crianças pequenas igualmente não eram contadas. Não obstante, outro autor, Adam Sitarek, fornece números diferentes, mas a mesma explicação para tais divergências, como os parceiros “arianos” e as crianças pequenas que não eram contadas. Portanto, Sitarek (2009, p. 82) alega que os números exatos são desconhecidos, porque tais diferenças existem na documentação original, tornando impossível conhecer o número exato.

Segundo as diferentes fontes,⁶ a data de partida do primeiro transporte de Berlim para Litzmannstadt varia entre dezoito e dezenove de outubro de 1941, e o número de pessoas transportadas varia entre 1.012 e 1.091. O segundo transporte ocorreu entre vinte e quatro e vinte e seis de outubro, transportando entre 912 e 1.146 pessoas. O terceiro transporte partiu entre vinte e sete e trinta de outubro, levando entre 908 e 1.034 pessoas. O quarto e último transporte saiu de Berlim entre os dias primeiro e dois de novembro de 1941, transportando entre 1.029 e 1.079 pessoas. O número total dos transportados de Berlim para o gueto de Litzmannstadt fica entre 4.052 e 4.210. Essa diferença de 150 pessoas pode ser explicada devido aos judeus da pequena cidade de Emdem estarem nesses mesmos transportes e terem sido contados juntamente com os judeus de Berlim. Havia aproximadamente 120 judeus de Emdem nesses transportes.

É possível apenas imaginar a reação dos judeus aculturados de Berlim quando adentraram o gueto pela primeira vez, após deixar a estação Radegast e andar em fila nas ruas sujas do gueto, com seus prédios velhos. Os habitantes do gueto, vivendo há quase dois anos em uma situação precária de fome e miséria, tinham então uma aparência que, na visão dos judeus aculturados de Berlim, se encaixava perfeitamente no preconceituoso estereótipo que tinham da figura do *Ostjuden*, de sujos e maltrapilhos. Os berlinenses enfrentaram muitas restrições e um declínio em seu padrão de vida nos últimos anos desde que os nazistas tomaram o poder. Contudo, não haviam vivenciado esse tipo de fome, privação, doenças e uma falta de humanidade que era parte da vida diária do gueto, à qual aqueles habitantes já estavam, na medida do possível, familiarizados. Assim Andrea Löw descreve essas primeiras impressões do gueto pelos judeus de Berlim: “Absoluta estranheza – dessa forma poderíamos descrever o sentimento dessas pessoas após a sua chegada. Este não era o seu mundo, eles não pertenciam àquele lugar.” (LÖW, 2006, 231)

O autor continua afirmando que não era apenas um gueto que os judeus alemães estavam encontrando, mas um novo e estranho mundo:

Berlim, Hamburgo e Viena podem parecer pelos quilômetros a uma distância gerenciável de Łódź/Litzmannstadt. No mapa, parece que a origem e o destino não são tão distantes um do outro. Mas, para as pessoas que eram deportadas dessas cidades para Litzmannstadt, o transporte cruzou a fronteira para um mundo estranho. (LÖW, 2006, 233)⁷

Esse sentimento de estranhamento era compartilhado pelos habitantes do gueto quando viram pela primeira vez os judeus ocidentais andando nas ruas do gueto. Houve comentários sobre a sua apa-

rência saudável, suas roupas finas e os cortes e penteados de das mulheres, um luxo que as mulheres do gueto não mais conheciam. Parecia que eles estavam tirando umas férias, e não sendo deportados para um gueto. Eles não pareciam judeus, e a maioria deles não se sentia mesmo judeu, apenas eram assim considerados pelas Leis de Nuremberg. Eles se sentiam alemães, e muitos dentre eles, aproximadamente duzentos e cinquenta, eram cristãos.

Esse estranhamento de ambos os lados causou alguns problemas no relacionamento entre esses dois grupos de judeus. Ademais, havia algum ressentimento da parte dos habitantes do gueto em relação aos judeus ocidentais, vistos como responsáveis pelo fechamento de escolas e pela redução na porção de comida (em três de novembro, apenas algumas semanas após a sua chegada, o pão diário foi reduzido de trezentos e trinta para duzentas e oitenta gramas). (LÖW, 2006, p. 237) Sem mencionar que os habitantes do gueto perceberam que alguns dos judeus ocidentais os tratavam com desprezo.

Além do mais, a língua era outro fator agravante, porque a maior parte dos judeus do gueto só falava ídiche ou polonês, enquanto a maioria dos judeus alemães falava apenas o alemão. Essa questão linguística, cabe ressaltar, não aconteceu apenas no gueto de Litzmannstadt, mas em outros guetos e em campos como o de Auschwitz, no qual os prisioneiros enfrentavam dificuldades em entender as ordens alemãs, como foi relatado por Primo Levi em sua famosa obra em que trata das suas vivências neste campo (LEVI, 1988).

Como mencionado acima, o gueto já estava lotado, e não havia mais apartamentos ou quartos disponíveis para os recém-chegados. A única opção, conforme acreditavam as autoridades, era fechar as escolas e acomodar cada transporte em um desses prédios. Esses lugares foram chamados de Coletivos (*Kollektive*) e designados de acordo com

o nome do transporte, como Viena I, Berlin II e assim por diante. Esses não eram os locais ideais para viver. Usados como escolas, não estavam preparados para acomodar milhares de pessoas. O único sanitário ficava fora do prédio, e não havia guarda roupas ou camas para todos, tendo as pessoas que dormir no chão, mantendo os seus pertences ao seu lado. Já que os prédios estavam lotados, cada um era obrigado a deitar bem ao lado do outro e, quando precisava ir ao banheiro à noite, acabava por pisar nos que estavam deitados (HORSWITZ, 2008, p. 135).

A comida era outro problema, talvez o maior deles. Os recém-chegados haviam trazido com eles algum alimento, que foi consumido nos primeiros dias após a chegada, já que a maioria deles não conseguiu comer a comida do gueto. Porém, conforme sua comida foi acabando, eles não tiveram outra opção senão comer a comida do gueto. Entretanto, não estavam satisfeitos com essa porção escassa, que consistia de seiscentas calorias por dia, e logo a fome se tornou uma companheira constante, companheira essa já tão familiar ao resto dos habitantes do gueto. Desesperados para conseguir mais alimento, os judeus ocidentais logo entraram no mercado negro, vendendo seus pertences, como roupas finas, por um pedaço de pão.

Rumkowski criou um departamento para os recém-chegados em primeiro de novembro de 1941. Tal departamento ficou conhecido como “UM” (abreviatura de *Umsiedlung*, reassentamento), e seu objetivo era cuidar das necessidades dos judeus ocidentais e servir como um elo entre eles e a administração central. O advogado Henryk Naftalin, muito proeminente na administração do gueto, foi seu diretor até fevereiro de 1942 (LÖW, 2006, p. 247). Não obstante, os Coletivos também elegeram muitas pessoas dentre eles para servir como líderes e ser o seu porta-voz perante as autoridades.

Uma característica dos transportes de Berlim era a idade dos seus membros, talvez porque os judeus eram usados como mão de obra em Berlim e, portanto, os mais velhos foram os escolhidos para deportação, permanecendo os mais jovens na capital. Eles eram os mais velhos dentre todos os transportes, com sessenta por cento deles com mais de sessenta anos, e trinta e quatro por cento com mais de setenta anos. No gueto, havia apenas sete por cento de judeus com mais de sessenta anos (LOOSE, 2009, p. 50), em parte porque os idosos eram os mais afetados por não trabalhar e, portanto, por não receber a porção extra de sopa – e também eram mais sujeitos a doenças. A idade de seus membros pode explicar porque somente vinte e cinco pessoas dos transportes vindos de Berlim sobreviveram ao final da guerra, enquanto que duzentas e setenta e sete pessoas dos transportes de Praga sobreviveram (os transportes de Praga eram os que tinham mais jovens, ainda mais jovens do que a faixa etária média do gueto). (LOOSE, 2009, p. 50)

Talvez a idade seja a principal razão pela qual, dentre todos os transportes, os de Berlim tivessem a mortalidade mais alta. Entre outubro de 1941 e maio de 1942, quase três mil e duzentos judeus ocidentais morreram no gueto, ou dezesseis por cento do total. A maioria dos que morreram nos primeiros meses após a chegada vieram de Berlim. Dos quatro mil e cinquenta e quatro judeus que vieram de Berlim para Litzmannstadt, mil cento e seis, ou vinte e sete por cento do total, morreram nesses primeiros cinco meses (LÖW, 2006, p. 252). Essa era a porcentagem mais alta dentre todos os transportes. Só para citar alguns exemplos, esse número é três vezes maior do que a porcentagem dos transportes de Praga (nove por cento) e ainda maior do que a porcentagem dos habitantes do gueto (oito e meio por cento). (LOOSE, 2009, p. 56)

Apesar de serem mais propensos a doenças e mais frágeis, ser velho em Litzmannstadt era um problema ainda maior, porque um gueto de trabalho como esse desfavorecia aqueles incapazes de trabalhar, como os idosos, que não recebiam a porção extra de sopa distribuída nas fábricas. A fome também contribuiu para as doenças, e todos esses fatores podem explicar porque a mortalidade entre os berlinenses era tão alta.

Além disso, nas deportações do gueto de Litzmannstadt para Chełmno, que começaram no início de 1942 com o propósito de se livrar dos judeus “inúteis”, ou seja, daqueles que não podiam trabalhar, havia um grande número de judeus do *Altreich*. Entre quatro e quinze de maio de 1942, dez mil novecentos e quatorze judeus ocidentais, que chegaram ao gueto em outubro de 1941, foram enviados a Chełmno. Antes disso, já haviam sido enviados para o mesmo campo de extermínio um total de dez mil e três habitantes do gueto entre dezesseis e vinte e nove de janeiro, e mais trinta e quatro mil setenta e três entre março e abril (LOOSE, 2009, p. 59). Consequentemente, devido a causas naturais (inanição ou doenças) ou pelas deportações para Chełmno, a maioria dos judeus ocidentais, incluindo os judeus berlinenses, não viveu no gueto por muito tempo.

O número de judeus de Berlim, como já mencionado, decresceu rapidamente. Do total de aproximadamente quatro mil duzentos e dez judeus berlinenses que chegaram em Litzmannstadt, havia apenas três mil cento e sessenta no início de maio, quando tiveram início as deportações dos judeus ocidentais para Chełmno. Em vinte de maio, após as deportações, restaram somente setecentos e quarenta e cinco judeus dos cinco transportes de Berlim (LOOSE, 2009, p. 60).

As deportações do gueto para Chełmno continuaram, e, entre três e doze de setembro, mais quin-

ze mil seiscentos e oitenta e cinco judeus foram deportados, principalmente os doentes, os indivíduos com mais de sessenta e cinco anos e as crianças com menos de dez anos de idade, que eram aqueles que não podiam trabalhar. Dentre eles, havia mais duzentos judeus de Berlim.

Em uma estatística feita pela administração do gueto, em primeiro de janeiro de 1943, havia apenas trezentos e setenta e dois judeus restantes dos transportes de Berlim, número que consistia de quarenta e uma crianças abaixo de quatorze anos, cento e sessenta e dois com idade entre quatorze e quarenta e cinco anos, cento e doze entre quarenta e seis e sessenta anos, e cinquenta e seis acima de sessenta anos (LOOSE, 2009, p. 61). Muitos dos que sobreviveram foram enviados para Auschwitz após a liquidação do gueto em agosto de 1944, mas não sabemos exatamente quantos sobreviveram no gueto até esse momento. Após o término da guerra, o número oficial de sobreviventes dos transportes de Berlim para Litzmannstadt é de vinte e cinco pessoas (LOOSE, 2009, pp. 178-300).

As deportações dos judeus de Berlim não pararam com as “deportações de outubro” de 1941. Pelo contrário, esse foi apenas o início. O plano nazista para tornar Berlim *Judenrein* estava funcionando: no verão de 1941, antes das deportações começarem, ainda havia setenta mil judeus vivendo na capital, enquanto que, no inverno do mesmo ano, esse número já havia decrescido para sessenta e um mil. Outras deportações de judeus berlinenses para lugares mais ao leste, como Minsk, foram responsáveis por reduzir esse número ainda mais. De fato, quase quatorze mil judeus foram deportados de Berlim para o Leste, e mais quinze mil foram enviados a Theresienstadt (MEYER; SIMON, 2000, p. 171). Em cento e vinte e dois transportes, entre cinquenta e cinquenta e cinco mil judeus foram deportados de Berlim, a maioria para suas mortes.

No final de 1942, havia apenas trinta e três mil judeus na capital alemã (LOOSE, 2009, p. 31), e, no final da guerra, havia apenas oito mil sobreviventes judeus em Berlim: quatro mil e setecentos devido a casamentos mistos (que conseguiram permanecer na cidade), mil e novecentos sobreviveram nos campos de concentração e mil e quatrocentos em esconderijos (MEYER; SIMON, 2000, p. 171). Da grande comunidade judaica de cento e sessenta mil judeus, apenas esses oito mil restavam para dar o seu testemunho da antiga rica e culta comunidade – e para mostrar a extensão do extermínio nazista dos judeus.

NOTAS

1 Outra palavra em alemão sem tradução exata ao português, representando a nação como sua casa ou lar, uma relação emocional com seu país como sua origem, ao qual pertence.

2 Litzmannstadt Getto. Introduction. Disponível em: <<http://www.lodz-ghetto.com/introduction.html>>. Acesso em: 28/07/2016.

3 United States Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia. "Lodz". Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005071>>. Acesso em: 29/07/2016.

4 Tradução da autora.

5 "Nicht zufällig begründete Himmler seine Ankündigung von 18. September 1941, das Getto Litzmannstadt habe demnächst mit der Einsiedlung von 60 000 Juden zu rechnen, damit, dass es 'am Raum aufnahmefähig' sei." (LOOSE, 2009, p. 47).

6 Ver: LOOSE, 2009, p.51; SITAREK, 2009, p. 82; FEUCHERT; LEIBFRIED; RIECKE, 2007, p. 274-275; MEYER; SIMON, 2000, p. 175; KLEIN, 2009, p. 423; GOTTWALD; SCHULLE, 2005, p. 68-81.

7 Tradução da autora.

REFERÊNCIAS

- BARANOWSKI, Julian. "Das Getto Litzmannstadt". In: *Berliner Juden im Getto Litzmannstadt 1941-1944: ein Gedenkbuch*. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2009, p. 36, 38.
- FEUCHERT, Sascha; LEIBFRIED, Erwin; RIECKE, Jörg. *Die Chronik des Gettos Lodz/Litzmannstadt 1941*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2007.
- GOTTWALD, Alfred; SCHULLE, Diana. *Die "Judendeportationen" aus dem Deutschen Reich 1941-1945: Eine kommentierte Chronologie*. Wiesbaden: Marix Verlag, 2005.
- KLEIN, Peter. *Die "Gettoverwaltung Litzmannstadt" 1940 bis 1944*. Hamburg: Hamburger Edition, 2009
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LOOSE, Ingo. *Berliner Juden im Getto Litzmannstadt 1941-1944: ein Gedenkbuch*. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2009
- LÖW, Andrea. *Juden im Getto Litzmannstadt: Lebensbedingungen, Selbstwahrnehmung, Verhalten*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2006
- MEYER, Beate; SIMON, Hermann. *Juden in Berlin: 1938-1945*. Berlin: Philo, 2000
- SITAREK, Adam. "Statistik der transporte Berliner Juden in das Getto Litzmannstadt". In: *Berliner Juden im Getto Litzmannstadt 1941-1944: ein Gedenkbuch*. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2009.
- TRUNK, Isaiah. *Łódź Ghetto: A History*. Indiana: Indiana University Press, 2008
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Holocaust Encyclopedia*. "Lodz". Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005071>>. Acesso em: 29/07/2016.

Recebido em 13/02/2017

Aceito em 09/06/2017